

---

**ARTIGO**

*Heróis e Civilizadores na Época do Iluminismo  
(O príncipe ideal no pensamento histórico e político de Voltaire)*<sup>1</sup>

Marcos Antônio Lopes  
Dep. História - Unioeste

**Resumo:** Heróis e civilizadores na época do Iluminismo (O príncipe ideal no pensamento histórico e político de Voltaire)

Inserindo-se no campo teórico da história das idéias políticas, este artigo pretende demonstrar que o pensamento histórico e político de Voltaire - apesar de sensíveis rupturas com a tradição do século XVII - continuou a perseguir exigências morais, fazendo do curso da história algo a ser moldado pela arte do príncipe virtuoso. Ao se explorar temas-chave do pensamento político voltairiano, como o problema das virtudes principescas – e contrariando interpretações que sustentam uma imagem excessivamente moderna do Voltaire historiador - objetiva-se demonstrar que na obra histórica desse autor o monarca é concebido como o centro de gravidade da história das nações, tornando-se o principal objeto de sua narrativa.

**Palavras-chave:** idéias políticas; pensamento histórico; século XVIII; monarquia; Iluminismo; Voltaire.

*Cheio da idéia de Alexandre e de César, ele se propôs a imitar estes dois conquistadores, menos os seus vícios.*

---

<sup>1</sup>Este texto é versão de um dos capítulos de nossa tese de doutorado *Voltaire, a história, o príncipe e a virtude*, defendida no Depto. de História da Universidade de São Paulo em 1999, com o apoio do CNPq. Agradeço aos professores Elias Thomé Saliba, José Carlos Reis, Lucília de Almeida Neves, Modesto Florenzano e Antônio Penalves Rocha, meu orientador, pela minúcia e rigor da arguição.

*A Europa reconheceu que ele amou a glória, mas que se aplicou a fazer o bem, que seus vícios nunca enfraqueceram suas grandes virtudes, que o homem teve suas máculas, e que o monarca foi sempre grande.*

## VOLTAIRE

Analisaremos neste artigo a imagem do príncipe em duas obras específicas de Voltaire, as que melhor se *encaixam* no gênero *Miroir politique: Histoire de Charles XII e Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre le Grand*.<sup>2</sup> Utilizaremos a categoria “espelhos de príncipes”, aplicada a Voltaire como algo bem próximo à noção de “*Miroir politique*”, ou seja, o conjunto dos modernos valores principescos, idéia que tomamos de empréstimo a Michel Senellart. Para este autor, “O Espelho político é um compêndio para uso dos ‘administradores políticos’, que não têm tempo de folhear os livros sábios. Um manual que ofereça aos governantes a representação de uma república bem ordenada. Com este título ele ocupa espaço na continuidade dos espelhos medievais ...”. (SENELLART 1995: 53). Analisando a continuidade dos espelhos de príncipes na Época Moderna este mesmo autor considera: “*O mais importante, contudo, não reside na transição de uma visão moral a uma visão política das coisas, mas no enfraquecimento progressivo do príncipe em proveito do Estado*”. (SENELLART 1995: 55).

Retomando as obras de Voltaire, ao que nos pareceu, são textos tematicamente aparentados, apesar de estarem afastados por três décadas. A primeira é de 1731, a outra de 1759 e 1762, primeiro e segundo tomos. Nesses livros, percebemos um eixo central comum: os príncipes e suas guerras, e o desfile contínuo das virtudes

---

<sup>2</sup> Para a designação de três obras de Voltaire, recorrentemente citadas ao longo de nosso texto, utilizaremos formas abreviadas do título completo. Em alguns casos, quando não houver referência por extenso próxima às citações entre aspas, remeteremos o leitor à *Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre le Grand* pela indicação das letras *HR*, em itálico, entre parênteses. A mesma convenção será aplicada a *Le Siècle de Louis XIV*, identificada pelas letras *SL* e a *Histoire de Charles XII*, referenciada pelas iniciais *HC*. Em diversas passagens tais obras serão citadas por traduções de seus títulos, em português. Mas é sempre ao texto original que remeteremos o leitor.

e vícios no confronto insistente de dois monarcas que mudaram o curso da história no Norte da Europa por quase vinte anos. Assim é que boa parte da *História da Rússia é a História de Carlos XII*, com um grande prejuízo para o monarca sueco. É por isso que talvez faça algum sentido falar em “vidas paralelas” remontando a um gênero de escrever a história dos grandes homens do qual Plutarco passou à posteridade como o grande mestre.<sup>3</sup> Voltaire zomba de Plutarco ao indagar no *Século de Luís XIV*: “*Como teria sido a vida privada de Teseu e Licurgo?*”.<sup>4</sup> E, no entanto, o *imita* porque também é cultor da história comparada dos grandes homens, ainda que tenha exigências que o autor antigo nem poderia ter imaginado.<sup>5</sup> Com

---

<sup>3</sup> Jacques Amyot, no século XVI, assim definia a natureza dos *Parallelon* de Plutarco: “... porque emparelha um grego e um romano, pondo suas vidas uma diante da outra e conferindo-as em conjunto, conforme tenham manifestado entre si conformidade de natureza, costumes e aventuras, examinando o que um teve de melhor ou pior, de maior ou menor do que o outro – tudo em geral com tão belos discursos, tirados dos mais profundos e mais ocultos segredos da filosofia moral e natural, tão sábias advertências e frutuosas instruções, tão afetuosa recomendação da virtude e detestação do vício (...) que o livro se deve antes nomear um tesouro de toda rara e esquisita literatura, e não se lhe dar outro nome”. (AMYOT S./d.: 43-44). Acerca da influência exercida pelas obras de Plutarco na cultura histórica e política da Época Moderna, particularmente sobre Erasmo, Maquiavel, Montaigne, Montesquieu, Rousseau e até Napoleão q. v. o verbete “Plutarque”, em (ROBERT 1997: 1648) e o capítulo 2 de *Le futur passé*, em (KOSELLECK 1990: 37-62). A “Introduction” de Gérard Walter, mais especificamente em seu intertítulo “La traversée des siècles” traz uma esclarecedora análise sobre a influência das *Vidas Paralelas*, desde a sua descoberta pelos bizantinos no fim da Idade Média – após amargar dez séculos de esquecimento -, passando pelos primeiros esforços dos humanistas italianos em traduzi-la a soldo dos Médicis, pelo fascínio exercido sobre autores como Montaigne, Racine e Rousseau, chegando ao século XIX, em considerações à tese defendida por Michelet sobre Plutarco, em 1819, na Sorbonne. (Cf. WALTER 1951: 15 ss.).

<sup>4</sup> Em Robert Flacelière encontramos referência a esta passagem de Plutarco, mas sem as *discriminações* voltairianas: “Um dia, ele se decide também a escrever as *Vidas* de personagens lendários, como Teseu e Rômulo, Licurgo e Numa, se gabando, aliás, ‘de obrigar a fábula, purificada pela razão, a se submeter a esta, e a tomar o aspecto da história’”. (FLACELIÈRE 1957: 23).

<sup>5</sup> Certamente, não pretendemos afirmar que se trata de um modelo a ser seguido com fidelidade. Com efeito, Voltaire não é uma espécie de Plutarco transfigurado em pleno século XVIII, i. e., a manifestação de uma estranha espécie de *atavismo* extremamente longínquo. Contudo, é bom lembrar que P. Hazard encontrou inúmeras dessas *reencarnações* de Títos Lívios em plena modernidade. (CF.

efeito, estas vidas paralelas são recorrentes nas obras históricas de Voltaire. Em alguns casos, são verdadeiros combates que ele desencadeia entre dois personagens, aproximados pelas virtudes e os vícios que o autor quer desvendar para seus leitores. Mas não se trata de um duelo de igual para igual. Simulando deixar o livre arbítrio ao leitor, Voltaire já sabe de antemão a quem o público deve escolher como o seu herói.<sup>6</sup> Isto se verifica particularmente na *História da Rússia*. Enfocando Carlos XII com um maior recuo, Voltaire praticamente o diaboliza. O que era um rei insensato será transformado num celerado. As suas travessuras heróicas, no livro de 1731, na *História da Rússia* estão pálidas, e os seus vícios muito mais evidentes. Ele chega a afirmar que “...Carlos XII não realizara realmente nenhuma conquista ao ganhar suas batalhas”. (HR 1957: 455).

Mas o fato concreto é que esse nosso novo Plutarco, se assim podemos dizer, não incorrerá em meras repetições, apesar de que essas são inúmeras e de certo modo até enfadonhas para aquele que lê os dois textos em seqüência. Há uma razoável soma das mesmas discussões, Voltaire se auto-parafraaseando sem muito comedimento. Um historiador excessivamente preocupado em não entediar seus leitores tem que pedir perdão por suas repetições, ao confessar que não lhe é possível omitir temas anteriormente tratados,

---

HAZARD 1971: 34 ss.). Decididamente, o autor grego não se encontra na galeria de suas predileções literárias. Como observou G. Walter, “Voltaire o trata com um desdém apenas dissimulado”. (WALTER 1951: 27). Diríamos que o trata com zombaria declarada. Mas é igualmente certo que nosso autor usa e abusa de paralelismos. Contudo, há diferenças dignas de nota: Voltaire compara grandes homens vivendo numa mesma época, Plutarco toma seus modelos em épocas diferentes. As vidas paralelas de Voltaire alinham personagens de um mesmo país ou de países estrangeiros, as de Plutarco aproximam somente heróis de diferentes regiões. Voltaire não se preocupa necessariamente em dar destaque a pontos em comum; pelo contrário, esforça-se em acentuar divergências de personalidade. Em comum o fato de exaltarem virtudes e vícios, a tendência a tirar conclusões sobre o caráter dos personagens emparelhados, com a intenção mais ou menos explícita de edificar seus leitores. Acerca do método e das especificidades dos textos de Plutarco q. v. (FLACELIÈRE 1957: 22 ss.).

<sup>6</sup> Cf. o paralelo entre Luís XIV e Guilherme de Orange no *Século de Luís XIV* (1957: 808-809).

quando os considera importantes.<sup>7</sup> Seus ritornos são tantos que ele próprio é traído pela confusão gerada por um amontoado de pequenos detalhes. Em seus paralelismos ele atribui episódios que supostamente estariam em seu livro sobre a vida de Carlos XII, mas que na verdade aí não se encontram. E esses equívocos são apontados e corrigidos por René Pomeau em suas *Notes et variantes*.

Feitas estas considerações preliminares, de que maneira sintetizar esses eloqüentes *retratos* da realeza nórdica tão profusamente flagrados por Voltaire? Um confronto perene entre um soldado que nasceu rei – para a infelicidade do mundo – e um bárbaro com espírito de legislador – para o encanto da posteridade. Nessa análise veremos que, ao final, o príncipe artilheiro assistiu suas forças serem reduzidas a cinzas, chamuscado por quem não tinha vergonha de se dizer seu aluno. Nesse sentido, Pedro será a aplicação prática da máxima voltairiana de que é boa lição de casa ir às trincheiras inimigas, para se abastecer de munição. Destroçado por dois impiedosos inimigos – Pedro o Grande e o seu próprio biógrafo – Voltaire conclui no *Avant-Propos* da sua *História da Rússia*: “*Julgamos hoje que Carlos XII merecia ser o primeiro soldado de Pedro o Grande*”. (1957: 353). Trata-se do atestado de insuficiência do rei sueco como modelo do príncipe voltairiano. Ele é o exemplo do monarca incorrigível. É bom lembrar que o espelho voltairiano não quer levar necessariamente a um estado de perfeição, se contentando a ser um corretivo a vícios comprometedores. Em síntese, aquela torrente que só deixou ruínas teria sido uma força criadora se fosse guiada por um rei-arquiteto. É curioso notar que aquilo que é vício em Carlos transforma-se em virtude em Pedro. O que é obstinação no rei da Suécia, no czar se apresenta como constância. Esta fluidificação de conceitos<sup>8</sup> é definida por seus

---

<sup>7</sup> O fato é que quase tudo é importante (Cf. a argumentação de VOLTAIRE à p. 453 de sua *História da Rússia*).

<sup>8</sup> É interessante acompanhar um *frondeur* do século XVII abordar essa questão. No mais autêntico espírito maquiaveliano La Rochefoucauld considera, em suas *Reflexões e máximas morais*: “Os vícios entram na composição das virtudes, como os venenos na composição dos remédios: a prudência os reúne e os tempera, e ela serve convenientemente contra os males da vida”. (S./d. 67). Mas o clássico na matéria será sempre Maquiavel. Como nos lembra Skinner, “(...) Maquiavel se mostra algo cético, questionando se podemos dizer com propriedade que aquelas

propósitos particulares e radicalmente opostos: “*Sua constância [de Pedro] era tão inabalável quanto o valor de Carlos XII era intrépido e obstinado*”. (HR 1957: 437). A coragem excessiva de Carlos XII é focada como energia pura e crua, como uma força desgovernada, exemplo de imprudência em estado bruto. Ele teve o dom de transformar preciosas virtudes principescas, ao possuí-las em grau superlativo, nos vícios mais abomináveis. Conseguiu, com esse temperamento, ser a besta de carga do erro, e jogar por terra toda a obra de seus antecessores.

A *História de Carlos XII* é frágil no que se refere à análise das realidades sueca e européia. Com efeito, não há referências sobre as estruturas econômicas que impulsionaram este reino à guerra, tampouco ao poderio dinamarquês e russo, lacunas apontadas por René Pomeau.<sup>9</sup> Mas não creio que esta crítica seja tão pertinente, levando-se em conta os propósitos do autor e a natureza da produção da história no início da década de 1730. Nos “Textos relativos à *História de Carlos XII*” o autor irá confessar que escreveu este livro no mesmo espírito que havia escrito seu poema épico *La Henriade*, daí a necessidade de príncipes extraordinários. (Cf. sua “Lettre” publicada no *Journal des Savants*, em VOLTAIRE 1957: 302). Como diz o próprio Pomeau, na apresentação de suas obras históricas: “*Esta estética de dramaturgo não deixa de influenciar a doutrina voltairiana, que atribui uma importância decisiva aos grandes homens: o drama da história não se concebe sem protagonistas*”. (“Préface”, em VOLTAIRE 1957: 11).

De fato, nessa história, ou melhor, nessa “tragedy in prose” – como se referiu a ela Peter Gay –, não há um só protagonista. Carlos XII não está sozinho na narrativa. Acompanha-lhe um vulto da mais elevada estatura. É que Voltaire se dedica a compor a personalidade de Pedro o Grande, com tantos ou mais detalhes que a

---

qualidades consideradas boas, e que no entanto se mostram desastrosas, de fato merecem o nome de virtudes. Uma vez que elas tendem a trazer a destruição, ele prefere dizer que ‘parecem virtudes’; e já que seus opostos mais provavelmente trarão ‘segurança e bem-estar’, prefere dizer que tais qualidades ‘parecem vícios’”. (SKINNER 1988: 72).

<sup>9</sup> Contudo, Fueter afirma que antes de começar a sua redação “... informa-se exatamente sobre a situação econômica da Suécia”. (FUETER 1953: 27).

de Carlos XII, supostamente o seu tema central. O livro é quase um balanço das ações heróicas desses dois personagens e realmente não soaria estranho se o seu título fosse *Vidas Paralelas*. Aliás, o que torna agradável este tratado sobre a insensatez humana, além das peraltices de Carlos XII, é a profusão de atores que o autor faz desfilar em sua narrativa. São inúmeras microbiografias, enlaçadas nas dos personagens centrais, em que ele descreve, nas particularidades do detalhe, uma sucessão quase infinita de príncipes e generais, quase todos eles valorosos combatentes, gloriosos tanto na vitória quanto na derrota. Voltaire revela o quanto este soberano era imperioso em sua vontade, e implacável em sua vingança, além de absurdamente insensato diante das situações mais temerárias. Por sua célebre obstinação, os turcos o cognominariam, anos mais tarde, o “cabeça de ferro”, o modelo da coragem mal empregada. A *Histoire de Charles XII* está sobrecarregada das excentricidades desse Dom Quixote aguerrido, “... que perdeu num dia o fruto de nove anos de trabalho, e perto de cem combates”. (HC 1957: 169). O autor se refere ao desastre de Pultava. Segundo seu historiador, o monarca luterano passou a se acreditar um predestinado. Após ter sido salvo de uma descarga de canhão, no cerco da cidade prussiana de Thorn, controlada pelos poloneses do rei Augusto, em 1703, seu desígnio era “fazer tremer a Europa”. Conta Voltaire que os poloneses miraram o general Lieven, que trajava uma exuberante farda azul, tomando-o pelo rei. Foi esse episódio da farda que gerou a sua célebre polêmica com o historiador sueco Nordberg, que o insultou com termos hérulos e vândalos, como se queixou o próprio Voltaire. Aliás, estas amabilidades voltairianas dirigidas ao capelão de Carlos XII se repetem na *História da Rússia*, e com notável insistência. Isto nos permite afirmar que, para estas duas obras, este prelado sueco – “homem apaixonado e mal-informado” - foi o seu principal interlocutor. Está em quase todos os seus pés de página na *História da Rússia*, para ser triturado impiedosamente. No *Século de Luís XIV* sua vítima preferencial será o autor das *Memórias de Madame de Maintenon*, La Beaumelle; quando quer ser gentil, define tal livro como um “tecido estranho de falsidades”. De todo modo, direcionando elogiosos pés-de-página ou violentos rodapés, ele dialoga com historiadores de toda a Europa literária.

Entre as virtudes consideradas elevadas, nas duas obras em questão, encontramos a justiça como um dos principais valores morais do soberano. Um rei justo deve ser admirado pelos povos, e ainda mais quando faz acompanhar esta virtude de uma boa parcela de magnanimidade. Em seus melhores tempos, Carlos XII soube combinar numa fórmula perfeita estas duas qualidades. Vencedor imbatível em confrontos considerados impossíveis – tem-se a impressão de que seria capaz de vencer sozinho um regimento inteiro -, não apenas poupava a vida dos inimigos derrotados, mas ainda lhes prodigalizava os recursos com que voltar para casa. Para Voltaire, nada mais razoável, em se tratando de um herói que, por força de seu ímpeto nos campos de Marte, não teria o quê fazer com prisioneiros três ou quatro vezes mais numerosos que o seu próprio exército.

Entretanto, longe do autor descortinar virtudes principescas no Alexandre Magno sueco como cálculo de um estrategista seco. As sucessões de vitórias foram tantas que o autor nos diz, apoiado em suas testemunhas de época, que os exércitos de Carlos XII não olhavam mais o número dos inimigos, mas apenas o local do encontro das tropas. A proporção de cem inimigos contra vinte não lhes parecia desigual. Com estas exagérations o autor tenciona mostrar o quanto “... a prudência humana é pouco senhora dos acontecimentos”, enquanto se é bafejado pela fortuna. De pouco adiantaria uma força bem armada e disciplinada, se o momento não lhe fosse favorável. São as surpresas da fortuna: “*Se há transtornos causados pela má conduta, há aqueles que se pode imputar somente à fortuna*”. Esta é a maneira como Voltaire explica os trezentos anos de desgraças que arruinaram os reis da casa Stuart. (SL VOLTAIRE 1957: 769). O próprio Carlos XII provaria dessas guinadas do destino, ao ver sua tática de estrategista astuto completamente arruinada em Pultava.

Entretanto, na *História de Carlos XII*, o rei da Suécia aparecerá como soberano justo durante todo o tempo em que esteve em triunfo. Será apresentado como o rei que somente faz a guerra para forçar os inimigos a conceder a paz, constituindo-se no legítimo protetor dos povos oprimidos por tiranos estrangeiros. É o que se ouve na *História de Carlos XII*, na qual quem fala é o príncipe mas,

em alguma medida, apoiado por quem lhe escreve a memória. Com efeito, a justiça é um dos valores morais capazes de alçar a vida de um monarca à dignidade de tema histórico. Mas quantos príncipes se deixaram arrastar por vícios abomináveis como a crueldade e a covardia, e acabaram desfrutando da honra de serem objetos da reflexão de nosso autor? Na *História da Rússia*, esta visão encontra-se bastante nuançada, ou melhor, radicalmente alterada. Carlos XII será apresentado como um rei que faz a guerra em nome da paz, mas que não a aceita, quando lha oferecem. Foi o que ocorreu em seu triunfo sobre Pedro da Rússia. Ele quis ir a Moscou fazer um novo czar, após ter feito um novo rei na Polônia.

Ora, nesse terreno, Voltaire é bastante flexível. Se houve grandes príncipes manchados de sangue, de diferentes maneiras, eles se destacaram em outros campos. Dessa forma, também são merecedores de uma história particular, possuem direito à memória dos séculos, enquanto a posteridade os considerar dignos. E ninguém melhor que Voltaire para relativizar a grandeza de uma época, de um reino e de um monarca. É que as pessoas tendem a achar o seu próprio tempo como o melhor dos mundos, no qual se realizaram as maiores obras: *“Passam, então, a encarar a corte onde viveram como a mais bela de todas; o rei que viram, como o maior dos monarcas; os negócios em que se envolveram, como os mais importantes do mundo. E imaginam que a posteridade verá tudo isso com os mesmos olhos”*. (HC VOLTAIRE 1957: 54).

A glória, que exerce seu império sobre Carlos XII desde a infância, o guiou naturalmente para Alexandre Magno, monarca maior entre os maiores, que ele conheceu cedo, e que tomou por modelo desde suas primeiras aulas de latim. Voltaire reproduz um diálogo entre o jovem príncipe e seu preceptor. Indagado sobre o que pensava de Alexandre ele responde: *“—Eu penso que eu gostaria de lhe ser semelhante. —Mas ele viveu apenas trinta e dois anos. —Ah! Isto não é o bastante quando se conquista reinos?”*. (HC VOLTAIRE 1957: 62). Já no ocaso de sua existência, quando se tornou o hóspede indesejável do Sultão da Turquia, ouvia diariamente as leituras de seu secretário. Num desses gorjeios literários, rasgou a página do livro de Boileau-Despréaux – autor que admirava –, por caracterizar Alexandre como um rei louco e furioso. (Cf. HC VOLTAIRE 1957: 175). De fato, ele quis ser o

Alexandre do Norte e, a seu modo, realmente o foi. Em seus anos de glória, o próprio Voltaire arrisca o paralelismo: “*Ele era tão jovem quanto Alexandre, igualmente guerreiro, igualmente empreendedor, mais infatigável, mais robusto e mais temperante*”. (HC 1957: 144).

Mas há uma contradição flagrante entre ideal de juventude e as suas realizações efetivas, pois o traço mais extraordinário na trajetória desse infatigável combatente é que ele não travou uma única batalha para expandir seu reino. Ele foi o monarca que se vangloriava de ser “fazedor de reis”, aquele que destronava um tirano para colocar um príncipe justo em seu lugar. De fato, Carlos XII morreu aspirando destronar Augusto de Saxe de seu segundo reinado na Polônia, em favor do príncipe polonês destronado, Stanislas. O autor esvazia estas façanhas ao se perguntar na *História da Rússia* : “*Augusto reinava e era difícil decidir se Carlos teve mais glória em destroná-lo que Pedro em o restabelecer*”. (1957: 479). Em sua *História de Carlos XII* Voltaire tenciona alertar seus leitores para o fato de que, desde a cerimônia de coroamento e sagração do rei, uma tempestade de vinte anos se abateria sobre a Suécia. Ao descrever a entrada real do jovem príncipe em Estocolmo, montado num cavalo alazão com ferraduras de prata, e portando os símbolos da realeza, Carlos XII renovou em seu povo a esperança de paz e prosperidade. Mas o príncipe, após a unção, arranca a coroa das mãos do prelado, coroando-se a si próprio. O povo aplaude este ato de ousadia, mas o autor deixa subentendido que isto era o prenúncio de uma tormenta destinada a durar duas décadas inteiras.

De índole pacífica até os dezoito anos, a guerra contra a Dinamarca parece que lhe transtornou o espírito para sempre. Ele foi, então, em tudo diferente. Foi quando ele adotou o estilo de vida que seria sua marca registrada na história dos heróis conquistadores modernos. Pela ótica de nosso autor, uma guerra para o rei da Suécia “*Era uma viagem, antes que uma conquista*”. (HC 1957: 93). Desse modo, o príncipe das Luzes traduz as virtudes militares de um rei-estrategista, o gênio que derrota pela bravura mas também pela sagacidade, misturando um pouco de política à força de suas armas, estimulando intrigas, enfraquecendo seus inimigos, antes de aplicarlhes os seus golpes mortais. Coberto de vitórias com apenas vinte e

três anos, encarava um combate como uma trivialidade semelhante a ir à caça. Ao embrenhar suas tropas em empresas arriscadas, não se preocupava com o mau tempo, e com os invernos rigorosos do Norte da Europa: “*Carlos XII queria desafiar as estações, como se desafia exércitos*”. (HC 1957: 157). Até a época de seus grandes reveses, 1709, “*Nada lhe parecia impossível*”. (HC 1957: 144). Por nove anos, “... *ele foi a torrente que mudou o curso de todas as coisas em sua passagem*”. (HC 1957: 242). Voltaire enxerga no comportamento do rei misógino da Suécia, desde que assume o poder, o elenco de algumas virtudes que ele adotaria até o fim de sua existência, sem ter feito concessões a si mesmo até sua morte:

*Ele não experimentou mais nem a magnificência, nem jogos, nem distrações; ele reduziu sua mesa à maior frugalidade. Ele havia apreciado o fausto nas vestimentas: ele se vestiu, desde então, como um simples soldado. Suspeitava-se que ele teve uma paixão por uma dama de sua corte; ainda que esta intriga fosse ou não verdadeira, é certo que ele renuncia às mulheres para sempre, não somente por receio de ser governado por elas, mas, para dar o exemplo a seus soldados, que ele queria conter na mais rigorosa disciplina; talvez, ainda, pela vaidade de ser o único, entre todos os reis, que domava uma inclinação tão difícil de superar. Ele resolveu, também, abster-se de vinho para o resto de sua vida. Pessoas me disseram que ele fez esta opção para domar a natureza, e para acrescentar uma nova virtude a seu heroísmo; mas, um maior número de pessoas me asseguraram que ele desejou se punir de um excesso que cometeu, e de uma afronta que fez à mesa a uma mulher em presença da rainha sua mãe. Se é assim, esta condenação de si mesmo, e esta privação que ele se impôs toda sua vida, são uma espécie de heroísmo não menos admirável.* (HC VOLTAIRE, 1957: 79).

Este príncipe, até então pacato, em relação ao qual todos na corte desconfiavam de não possuir grandes méritos de caráter, revelou-se na guerra não apenas um grande estrategista, mas um soldado que só aceitava ser o primeiro na linha de combate. Os generais suecos ficaram espantados com um jovem príncipe inexperiente que, de forma inacreditável mas admiravelmente natural, aliava habilidade e coragem em ações plenas de êxito. Carlos XII ganhou a guerra contra a Dinamarca em apenas seis semanas. Foi um *exploit* na história militar da Europa moderna, a façanha de um rei que fazia do rugir da mosquetaria inimiga “a sua música”. (Cf. HC VOLTAIRE 1957: 82).

O rei é severo e não abre mão de uma disciplina rigorosa das tropas. A combinação desses dois valores leva à eficácia, que será responsável por sua glória. Carlos XII não permitia a pilhagem

desordenada dos inimigos vencidos em combate. Estranho príncipe, observa o autor, que nunca quis nada para si, além de socorrer seus aliados e humilhar seus inimigos. Demonstrando fervor sincero, fazia preces duas vezes por dia, às sete da manhã e às quatro da tarde. Nos cercos e nas tréguas de batalhas “ele não falta nunca de assisti-las , e de dar a seus soldados o exemplo da piedade, que causa sempre impressão aos homens, desde que não suspeitem de hipocrisia”. (HC 1957: 83). Sob este aspecto, parece ficar claro que esta virtude não possui outro valor que o de arrastar soldados incultos à devoção do príncipe que, para todos os efeitos, precisa se apresentar como o primeiro dentre os cristãos.

Voltaire é ambíguo ao flagrar em Carlos XII um emprego casuístico da piedade, para arrebatar devotos em torno de sua pessoa e de sua causa. É uma das pouquíssimas referências que faz às virtudes de natureza teologal. Sabemos bem o que ele pensa sobre a piedade em seu verbete “Fé”, do *Dicionário Filosófico*. Como afirmamos, estamos diante de um espelho de príncipe exageradamente moderno, e que não reconhece mérito algum em valores como esse, a não ser quando se prestam a um emprego instrumental na política. São facetas do maquiavelismo voltairiano. Ele irá preferir incensar Carlos XII em sua liberalidade. Generoso por natureza, conta o autor que ele conseguiu desabastecer o exército da Dinamarca de provisões, sem que tivesse feito qualquer cálculo premeditado. É que os camponeses dinamarqueses preferiam negociar com ele, porque o rei lhes pagava bem: “Esta generosidade o reduzia freqüentemente a não ter mais que dar. Mais economia em suas liberalidades e ele teria sido mais glorioso e útil; mas, era um vício desse príncipe acentuar ao excesso todas as virtudes”. (HC 1957: 174). Para Voltaire, ele era um prodígio de valor, que acabava desferindo golpes contra si mesmo. Ao descrever a morte precoce de um príncipe, que experimentou o que a prosperidade tem de maior e o que a adversidade possui de mais cruel, Voltaire observa que “ele carregou todas as virtudes dos heróis a um grau em que elas se tornaram tão perigosas quanto os vícios opostos”. (HC 1957: 272). Por estas e por outras, prefere conceber este amante do extraordinário e do impossível como apenas um homem singular, único no gênero em seu tempo, mas nunca um grande homem. Para

tanto, ele deveria ter realizado obras suscetíveis de chamar a atenção e provocar a admiração da mais recuada posteridade. Esta seria a sua real façanha.

A figura do príncipe-conquistador merece a atenção de Voltaire porque suas ações se ligam a um tema capital largamente explorado em seus textos históricos e nos romances e contos: a guerra. Voltaire fala desses príncipes para deixar aos leitores suas lições contra a guerra. O conquistador é um astro luminoso, enquanto a fortuna lhe acenar com o seu favor. Um príncipe conquistador que só conheceu vitórias tende a crer que a fortuna nunca lhe abandonará, e que sua grandeza e glória não têm limites. A estes estão reservadas as piores desditas. Em seu excesso de confiança, o príncipe encontrava tempo para fazer gracejos em meio à carnificina das linhas de combate. Carlos XII foi apeado de sua montaria por várias vezes, nas descargas sucessivas trocadas entre suas tropas e a artilharia inimiga. Mas logo saltava sobre uma outra sela. Voltaire se compraz em citar uma das frases célebres desse rei-acrobata. Ao ter seu cavalo morto por uma saraivada de balas da mosquetaria dinamarquesa o rei disparou: “Ah! Estas pessoas me obrigam a fazer os meus exercícios”. (HC 1957: 88). Com o calcanhar esmagado por estilhaços de artilharia em Pultava, meio febril e sentindo dores extremas, ainda encontrou tempo para surgir no *front*, atirando contra os inimigos.

Em sua *História da Rússia*, não há mais espaço para as estripulias desse monarca. Os episódios de sua vida são narrados de maneira grave, quando não descritos com um certo ar de desprezo. A fuga de Pultava não tem mais nada de heróico. Pelo contrário, é transformada num episódio tragicômico. Como diz Voltaire, “a fuga é o último partido de um príncipe vencido”. O autor não esquece que as leis estabelecidas pela necessidade possuem a força de um tornado, que a necessidade é a primeira das leis. A necessidade não conhece leis é a negação dessa afirmativa, e ao mesmo tempo o seu complemento natural. Assim é que Voltaire assiste ao rei manco saltar sobre a sela de um cavalo e sair em disparada ao ver o estrado em que era carregado ser transformado em frangalhos por uma carga de disparos do exército russo. Que espetáculo canhestro esta fuga desabalada de um soldado cujos inimigos um dia consideraram façanha militar ter escapado com vida de sua perseguição. É preciso

recordar o pavor dos soldados russos que morreram afogados no rio de Narva em 1700, fugindo de suas tropas. Os seus nove anos de vitórias esmagadoras se encerraram em Pultava. Este foi o choque maquiaveliano que Pedro o Grande lhe aplicou. Pultava foi o divisor de águas na escalada desse rei, visto como o primeiro homem da Europa numa idade em que nenhum outro teria sequer sonhado com a fama: "...O primeiro dos conquistadores durante nove anos, e o mais infeliz dos reis durante nove outros". (HR 1957: 417) E Voltaire se pergunta: o que foi mais doloroso para esse herói, as suas dores extremas do ferimento ou a angústia de se ver vencido sem apelação? A cremos em Voltaire, a resposta nos parece bem simples.

Ao longo da *História de Carlos XII*, sentimos que Voltaire desenvolve esta biografia tentando mostrar o quanto teria sido útil ao príncipe ter ouvido a voz da concórdia. Por volta de 1705, após mais de cinco anos longe de seu reino, e já plenamente vitorioso, ele quis estender a sua glória. Tendo derrotado Augusto, o rei germânico da Polônia, solicitou a seus generais que lhe trouxessem os mapas que indicavam os itinerários às capitais européias. Trouxeram-lhe, antes de todos, o caminho para Estocolmo. O príncipe disse: não pensem que iremos tão cedo para casa. Ele jamais retornaria vivo à sua capital. Morreu na Dinamarca em 1718, aos trinta e seis anos, no cerco de Frederickshall, atingido por um disparo. Ele havia partido para a guerra em maio de 1700.

Voltaire é atraído pela realeza. Para ele, o trono é um espaço que é preciso reconhecer como estratégico. Daí partem as deliberações que movimentam os homens e, portanto, fazem a história. Mas os seus espelhos de príncipes, ou o que se assemelha ao gênero em sua obra, não são puras lisonjas. Na verdade, constituem-se em lições ousadas, às vezes em admoestações severas ou em descomposturas desconcertantes. As boas e as más ações devem ser narradas para instruir seus leitores. Como já se observou, os príncipes só poderão fazer *jus* a memórias positivas se as suas boas ações superarem as más. É o caso de Carlos XII? Definitivamente não? Como já sugerimos, nosso autor o tomará como contra-modelo, aquele exemplo que o mundo precisa conhecer para saber como e por que evitá-lo.

Maquiavel havia escrito no *Príncipe* e na *Vida de Castruccio Castracani*, espelhos de príncipes às avessas. O que era considerado virtude na política poderia, em sua perspectiva radicalmente original, derrancar-se em vícios capazes de levar à ineficácia no campo do poder. E para Maquiavel, o contrário era mais que verdadeiro. Valores considerados como vícios terríveis pelo pensamento político cristão em seu tempo, dependendo de determinadas circunstâncias históricas, transmutavam-se em virtudes principescas muito apreciadas e recomendadas pelo historiador de Florença. Tudo estaria entregue ao contexto, e dependeria dessa ou daquela ação do soberano, reconhecida como portadora dessa ou daquela virtude. Um exemplo mais concreto disso: no século XVIII, Voltaire continuará abominando o emprego da crueldade – que em seu léxico político, às vezes, caracteriza como desumanidade do príncipe –, vício abominável em todos os pensadores políticos cristãos. Nos textos de Maquiavel, a crueldade pode até ser bem vinda, desde que bem aplicada, fazendo o príncipe colher resultados imediatos e duradouros.<sup>10</sup> Derrotar o inimigo de um só golpe, por um choque tão rude que o tornará impossibilitado de se levantar para o resto da vida, eis uma nuance maquiaveliana que nos dá a medida da flexibilidade de seu pensamento político no campo das virtudes do príncipe, e que Sheldon Wolin reconheceu como a lógica da economia da violência. Para Voltaire, a crueldade rebaixa o príncipe, lhe tira dignidade, comprometendo sua reputação. Quando aplicada contra povos inimigos na guerra, inspirará o ódio e o rancor entre as gerações sucessivas. E para ilustrar o seu ensino ele traz um exemplo de vida. Ele foi testemunha ocular e ficou impressionado pela forma como os franceses eram odiados pelos holandeses devido às barbaridades cometidas durante a Guerra da Holanda, quarenta anos antes, no reinado de Luís XIV.

Os espelhos de príncipes de Voltaire não são cristãos, como também não o eram os *exempla* de Maquiavel. Apesar de algumas

---

<sup>10</sup> Vistas as coisas por este ângulo, parece que Maquiavel teria feito o elogio de Pedro, já que um príncipe sábio “não se perturba com uma censura à sua crueldade”, sendo para ele ‘absolutamente essencial não se preocupar em ser chamado cruel’ se for o comandante de um exército, pois ‘sem tal reputação’, nunca poderá ter esperança de manter suas tropas ‘unidas ou preparadas para qualquer ação’. (Citado por SKINNER 1988: 75).

inversões voltairianas do tradicional catálogo dos valores morais do príncipe, não há qualquer termo de comparação com as liberalidades de Maquiavel nesse terreno. Isto porque o bem e o mal são valores mais ou menos fixos em Voltaire. Ele não acredita que maus expedientes possam levar a um bom termo em política. Sua ojeriza por toda e qualquer guerra bem o demonstra. Apesar de renegar a tradição cristã, ele fará clara distinção entre o bem e o mal, segundo os valores políticos e econômicos em emergência no século XVIII.

Voltaire jamais deixará de valorizar a eficiência administrativa de um soberano, mas está bem mais perto da tradição que do *curto-circuito* maquiaveliano. Ele não tem a menor intenção de se aproximar dos valores que a tradição prescrevia para a ação do príncipe cristão; mas, ao depositar uma enorme confiança no bem, situar-se-á mais próximo dessa matriz de pensamento. Como ele diz no *Siècle de Louis XIV*, “*Não sei porque a maior parte dos príncipes procura enganar com falsas bondades os súditos que tencionam atirar à ruína; a dissimulação surge, então, como o reverso da grandeza; ela nunca é uma virtude e não pode tornar-se uma qualidade apreciável, senão quando absolutamente necessária*”. (VOLTAIRE 1957).

No catálogo dos valores políticos de um príncipe, o que seria responsável por fazer do convulsivo e cruel Pedro Alexiowicz, Pedro o Grande? Para Voltaire, várias ações fizeram a trajetória desse soberano tornar-se digna de memória. O autor é capaz de relevar a desnaturação do sacrifício de um filho, quando coloca no outro prato da balança o fato de este príncipe ter aberto mão de um trono, para instruir-se e poder levar a instrução a seu povo: “*Vários príncipes tinham, antes dele, renunciado a coroas, por desgosto ou pelo peso do ofício, mas nenhum tinha cessado de ser rei para aprender a reinar melhor*”. (HC VOLTAIRE 1957: 71). Nosso autor encontra uma *justificativa* que lhe satisfaz para atenuar este barbarismo ao dizer que o Imperador foi mais rei do que pai, preocupando-se em salvar sua obra para dezessete milhões de súditos. É que ele tinha Alexis Petrovitz na conta de um renitente “barba longa”. Na *História da Rússia* há um longuíssimo capítulo sobre esse *affaire*: “*Condamnation du prince Alexis Petrovitz*”. (1957: 540 ss.). No texto intitulado “*Anecdotes sur le czar Pierre le*

Grand”, e que devemos conceber como uma microbiografia muito séria, Pedro é apresentado como o Prometeu dos tempos modernos, o príncipe que saiu de seu reino para “... *emprestar o fogo celeste para animar seus compatriotas*”. (1957: 324). Nesse sentido, o autor considera que a melhor imagem para sintetizar o caráter desse homem espetacular era: “*aquele que adquire a força em sua corrida*”.<sup>11</sup>

Forjar uma nação com suas próprias mãos, ao criar condições para o surgimento e expansão da civilidade numa Moscóvia em tudo bárbara, eis a grande obra de um grande príncipe e de um grande homem. Para a realização do desígnio à altura de um Hércules dos novos tempos, ele fundou academias de artes e de ciências, montou editoras e bibliotecas, recriou a administração estatal e a justiça, fundou a polícia e promoveu a técnica, colocando-a a serviço da paz e da guerra; enfim, tudo o que pudesse ser benéfico a seu povo, incluindo o rebaixamento da nobreza e do clero, reduzindo dessa forma suas intervenções na vida pública e nas decisões políticas: “*O czar se declara o chefe da religião; e este último empreendimento, que teria custado o trono e a vida a um príncipe menos absoluto, teve êxito quase sem contratempos, e lhe assegura o sucesso de todas as outras novidades*”. (HC VOLTAIRE 1957: 71). Conta-nos Voltaire que, no tempo de Pedro I, havia na Rússia a tradição de uma cerimônia anual em que o monarca devia conduzir o patriarca puxando a rédea de seu cavalo. Insuperável em crueldade, quando se tratava de supliciar os seus súditos e cortesãos, o rei se revela um mestre versátil, um professor que ilustra suas lições apenas com exemplos concretos. O patriarca foi feito bobo da corte, obrigado a vestir o jaleco e a carregar o guizo e a bengala, sinais distintivos desse *honroso* ofício. A lição do czar: fazer ver que o que é permitido ao príncipe não o deve ser a um prelado, ainda que este seja o primeiro de sua ordem. (Cf. “Anecdotes sur ...” VOLTAIRE 1957: 328). Ele teve a coragem de romper com tradições imemoriais. Elevou a barra dos vestidos das mulheres e “tosqueou” os homens, instalando alfaiates e barbeiros na entrada das cidades; a penitência estética revelou-se menos dolorosa que a penitência de bolso. Nosso autor nos informa que “Os obstinados

---

<sup>11</sup> A mesma anedota será repetida na *História da Rússia*, cf. (1957: 535).

pagavam quarenta *sous* em nossa moeda. Logo se preferiu perder a barba que o dinheiro”. (“Anecdotes sur ...” VOLTAIRE 1957: 329). Apoiado por metade de seu reino, teve de lutar contra a outra, a quem chamava por “os barbas longas”, refratários às novidades, para quem as mudanças eram grandes sacrilégios. A introdução do tabaco na Rússia é um bom exemplo da comoção provocada nos meios eclesiásticos. E o que dizer da fusão dos sinos das igrejas, quando faltou cobre para os canhões do imperador?

De fato, esses barbas longas foram agentes de inúmeros e perigosos percalços na trajetória do czar. Mas não lhe haviam dado como síntese de sua personalidade a divisa *Vires acquirit eundo*? O autor considera o dilema crucial de um monarca que, além de inimigos estrangeiros, também os possuía em grande número no interior de seu reino. Pedro tinha de lutar contra os suecos e contra os turcos. Mas os “barbas longas” não lhe davam tréguas, pois teimavam em reviver o passado, sempre que a menor oportunidade se apresentava. Foram várias as revoltas e conspirações contra o seu governo. Nessas ocasiões, o czar não se fazia de rogado. Sua reação era aplicar corretivos à altura de seus traidores, na condição de um pai severo, que toma a nação por sua família. É bom lembrar que existia na Rússia o reconhecimento do pai possuir poder de vida e morte sobre os membros de sua casa. Pedro fez uso dessa tradição consuetudinária, em escala *industrial*, uma vez que ainda era o pai da pátria, tratamento habitual dos russos em relação aos czares.

Terminada a guerra contra os suecos e os turcos, por volta de 1718, a batalha do imperador continua. Seus trabalhos de rei civilizador redobram, mas sem abandonar o vício da crueldade na realização de sua obra. Como diz Voltaire, “os suplícios pelos quais ele havia sido obrigado a punir a parte de sua nação que queria impedir a outra de ser feliz eram sacrifícios feitos ao interesse público, em nome de uma necessidade dolorosa”. (HR 1957: 563). É curioso notar que Voltaire o admoesta com freqüência. Contudo, sempre relativiza os seus vícios, ao confrontar a ação do soberano com o programa de realizar o bom governo. O czar é duro, bárbaro e brutal, muitas vezes, ao reagir a situações que pareciam não requerer um choque maquiaveliano. Mas, é que ele tem um desígnio claro na cabeça, e uma vontade indomável em seu coração: leis racionais,

administração eficiente e moderna, disciplina militar, ciências e belas-artes, manufaturas e fábricas de todo o gênero, comércio ativo e florescente, canais e eclusas que ligam os rios e os mares que a natureza separou, e tudo o mais que ele cria ou tira do nada como um mágico, devem entrar em linha de consideração, obscurecendo aqueles vícios que ele possuiu em elevado grau. Estas suas obras o afastam da vala comum dos tiranos. E Voltaire nos dirá, nas conclusões de sua *História da Rússia*: “Estas severidades que revoltam nossos costumes, eram talvez necessárias, num país em que a manutenção das leis parecia exigir um rigor excessivo”. (HR 1957: 594). O grande diferencial de Pedro, que o retira da categoria inferior dos tiranos ou conquistadores vulgares é que sua obra foi duradoura, revelando uma sabedoria extraordinária, antes que o puro desejo de glória. Seus trabalhos foram tão bem realizados que, ao final, suas conquistas pareciam pertencer, desde sempre, a seu próprio reino, espanta-se Voltaire.

Que *charme* especial teria Pedro para torná-lo tão grande homem aos olhos de nosso autor? O fato é que o czar forjou provas no processo que incriminou seu filho, transformando a severidade e a inclemência no vício abominável da crueldade. Ao darmos crédito a Voltaire, Pedro foi realmente um grande príncipe, mas a *hipótese* de seu historiador supera a força dessa grandeza. Voltaire quis provar a grandeza de uma obra civilizadora, concebida de antemão em seu pensamento. Observando a imagem idealizada que Voltaire constrói de Pedro o Grande, e que René Pomeau credita como estando na origem de sua teoria dos grandes homens - à maneira de uma “verificação experimental” -, a lição que se pode tirar é que, para Voltaire, não há nenhum mal no poder absoluto de um príncipe, a não ser quando ele degenera na forma impura da tirania. Pela ótica de Voltaire, o czar é sempre maior quando consegue vencer os seus ímpetos de rei bárbaro, fazendo-se clemente. A presença de Catarina a seu lado, inspirando-o à indulgência, era sempre uma última esperança para aqueles que haviam caído em desgraça. (Cf. HR VOLTAIRE 1957: 484).

Voltaire passará por cima das brutalidades do imperador, mas de nenhum modo será conivente com elas. Ele as coloca de lado porque Pedro foi um verdadeiro esbanjador de virtudes. Voltaire o aprecia, sobretudo, por sua eficácia na condução de uma história

feita a partir do marco-zero, dando mostras de seu desconhecimento da história da Rússia anterior ao advento do quinto romanov: “Desconhecendo as reformas desencadeadas nos reinados anteriores, ele cede à ilusão de um começo absoluto”. (POMEAU, “Préface”, em VOLTAIRE 1957: 21). E este intérprete do Príncipe das Luzes vai mais longe quando afirma que Voltaire forçou a história do Imperador, se é que não a falseou por completo. De qualquer forma, a eficiência encontra-se estampada nessa história individual. Projetar algo difícil, desejar ardentemente a realização de um projeto, esforçar-se para concluir cada objetivo, alcançar sua execução, eis uma radiografia do caráter principesco do imperador. O Príncipe das Luzes referir-se-á a Pedro nos seguintes termos:

*Foi assim que um só homem logrou transformar o maior império do mundo. É lastimável tenha faltado a esse reformador de homens a principal virtude: a humanidade. A brutalidade dos seus prazeres, à ferocidade dos seus costumes, à barbárie de suas vinganças se associavam muitas virtudes. Civilizava seu povo, e era selvagem. Foi, com suas próprias mãos, o executor de suas sentenças contra criminosos; na orgia de um festim mostrou sua destreza em cortar cabeças. Existem na África soberanos habituados a derramar o sangue dos súditos com suas próprias mãos; e esses monarcas passam por bárbaros. A morte de um filho, que era preciso corrigir ou deserdar, tornaria a memória do czar odiosa, se o bem por ele feito aos súditos não os levasse quase a perdoar a crueldade para com os do seu sangue? (HC VOLTAIRE 1957: 76).*

Eis os grandes vícios nos quais um príncipe não deve incorrer. A justiça do imperador ultrapassa os limites da humanidade. Se ele corta cabeças com a naturalidade de um rei tribal, ele também faz seus súditos expiarem seus crimes pelo fogo. Apesar de tudo, o autor não deixa de admirar o absolutismo de um monarca que extrai de seu poder, extremamente concentrado, o segredo de seus incontáveis sucessos na árdua tarefa de criar uma nação. Mas Voltaire, apesar de suas referências encomiásticas, nos deixa entrever no que consiste o método de ensino de Pedro o Grande: primeiro, a lição pelo exemplo de vida do príncipe e, se não for o bastante, o dever de casa pelo flagelo.

A crueldade não deriva somente do caráter de um príncipe que mais tarde forjaria provas no processo contra seu próprio filho. É preciso recordar, segundo Voltaire, que ele se formou em meio à cultura da violência intrínseca à tradição bárbara dos russos. Além

disso, sua índole de homem brutal era o fruto dos anos de sua juventude, quando sua meia-irmã Sofia, então regente, mandou esquartejar alguns de seus parentes. No poder, ele adotou o método do “*exemple terrible*”, sempre que se tratava de fazer valer sua vontade sobre pontos de vistas divergentes. Era o mestre da mais tradicional pedagogia da flagelação. Este Pedro terrível é bem o homem moderno descrito por Huizinga, Febvre e Mandrou, o sanguinário que vai ao êxtase diante de uma cena de suplício coletivo, mas que se enternece com a morte de um amigo, como foi por ocasião da morte prematura de seu favorito, o general suíço Le Fort.<sup>12</sup>

Como afirma nosso autor, “Seu espírito era justo, o que é a base de todos os verdadeiros talentos, e esta justiça vinha acompanhada por uma inquietude que o arrastava a tudo tentar e a tudo empreender”. (HR 1957: 404). De espírito prático, ao ver suas tropas destroçadas na batalha de Narva, passou a treinar e disciplinar seus exércitos em simulações reais. Ele é o rei-aprendiz, mas que também ensina pela prática. No exército, ele serviu “... de início como tamborileiro, em seguida como soldado, sargento, e lugar-tenente na companhia. Nada era mais extraordinário nem mais útil”. (HR 1957: 407). Segundo Voltaire, suas autopromoções ocorriam por mérito, quando da realização de algum feito digno de um homem de coragem. Ninguém ousaria virar as costas para um mestre que tinha dado o exemplo, até porque isto seria sempre muito perigoso. Em 1714, Pedro venceu Carlos, em batalha naval, na condição de um simples subordinado. Voltaire tomará a atitude do imperador nesse episódio para ilustrar a maneira eficaz pela qual um príncipe absoluto age - no meio de um povo rebelde e refratário a mudanças - quando tenciona se fazer obedecido:

*Pedro Alexiowitz surge na qualidade de contra-almirante. Um boiardo russo, de nome Romanodowski, o qual representava o czar nessas ocasiões solenes, assentava-se no trono, tendo a seu lado doze senadores. O contra-almirante lhe apresenta a relação de sua vitória, e então se o declara vice-almirante, em consideração por seus serviços; cerimônia*

---

<sup>12</sup> Acerca da fúria louca de Pedro em sua corte, sempre a estalar o seu chicote de rabo de boi e a brandir o seu sabre de aparar cabeças, cf. (“Anecdotes sur ...” VOLTAIRE 1957: 325).

*estranha mas útil, num país onde a subordinação militar era uma das novidades que o czar tinha introduzido. (HC VOLTAIRE 1957: 245).<sup>13</sup>*

Há um sentido a mais nesses encômios voltairianos. Como já se observou, ele tem uma queda pelas vidas paralelas, e quando assim procede, tenciona contrapor dois pesos, para fazer a balança baixar de um lado adredemente planejado. Desse modo, ele relativiza as iniquidades de Pedro, por ter elevado mais que destruído, sabendo aproveitar-se melhor de suas poucas vitórias, tornando-as úteis a seu povo. O rei que civiliza é mais digno do que aquele que simplesmente conquista. No texto intitulado “Lettre à M. Le Maréchal de Schulenburg”, datado de 1740, e incluído por René Pomeau nas *Oeuvres historiques*, Voltaire aciona novamente sua balança de aferir virtudes e vícios. E ele a fará pender, novamente, e sem apelação, para o prato do imperador:

*Se pudéssemos tornar a história útil, seria, segundo me parece, fazendo notar o bem e o mal que os reis têm feito aos homens. Eu creio, por exemplo, que se Carlos XII, após ter destronado seu inimigo Augusto, dado um rei à Polônia e vencido o rei da Dinamarca, tivesse dado a paz ao czar, que a pedia; se ele tivesse retornado a seu reino como vencedor e pacificador do Norte; se ele tivesse se aplicado a fazer florescer as artes e o comércio em sua pátria, ele teria sido então, verdadeiramente, um grande homem, em lugar de ter sido apenas um grande guerreiro, vencido ao final por um príncipe que ele não estimava. Teria sido desejável para a felicidade dos homens, que Pedro o Grande tivesse sido menos cruel, e Carlos XII menos obstinado. (VOLTAIRE 1957: 299).*

Pedro da Rússia, durante alguns anos, foi um derrotado, se o confrontarmos a seu rival histórico. Mas ele não perde em nada a sua grandeza, porque ela independe do heroísmo conquistador. Toda sua glória advém da enorme empresa de civilizar um reino atrasado, no que ele foi um pioneiro bem sucedido.<sup>14</sup> É isso que o

---

<sup>13</sup> Este episódio será descrito com as mesmas letras na *História da Rússia*. (VOLTAIRE 1957: 415).

<sup>14</sup> Em carta a Frederico II datada de 1738, Voltaire faz sua profissão de fé numa política de resultados. Nesse sentido, aplica ao príncipe uma admoestação severa: “O czar, vós dissésseis, alteza, não possuía o valor de Carlos XII: é verdade; mas, enfim, nascido com pouco valor, promoveu batalhas, viu muita gente morta a seu

aproxima do paradigma entre os soberanos civilizadores, Luís XIV: “As nações já haviam dado a Pedro Alexiowitz o cognome de grande, que uma derrota não poderia fazê-lo perder, pois que ele não o devia a vitórias”. (HC VOLTAIRE 1957: 162). Voltaire se refere à derrota para o exército turco, depois de sagrar-se vencedor em Pultava, quando dizimou as tropas do rei sueco. Na *História da Rússia* ele foi muito expressivo no seu paralelo: “*Se Carlos XII perdesse uma vida tantas vezes colocada em risco, isto seria apenas um herói a menos. (...) mas se o czar perecesse, trabalhos imensos, úteis a todo o gênero humano, seriam sepultados com ele, e o mais vasto império da terra retornaria ao caos de onde ele o retirara com sacrifício*”. (HR 1957: 469).

Carlos XII foi “o mais inflexível e renitente soberano que jamais esteve sobre o trono”. (HR 1957: 513). Sua glória era de uma natureza diferente daquela que conquistou o czar. Ficou restrita a sua pessoa. Por toda parte que Voltaire olhe, não consegue encontrar uma extensão do rei, ou seja, não há vestígios do bem que porventura ele tivesse feito a seu povo. Pedro é um adestrador da natureza, Carlos um escavador de precipícios. Ambos sulcam a terra, mas com motivações opostas. Carlos é um “homem inquieto”, Pedro um “homem profundo”. Como diz Voltaire, “Pedro era o apoio de todos os príncipes, como Carlos havia sido o terror”. (HR 1957: 523). O czar é sábio e sua obra constitui-se num “*spectacle instructif*”. Derrotado por Carlos XII e mais tarde pelos turcos, ele não se precipita. Sabe esperar tudo do tempo, que é seu grande mestre. Ele é um estrategista de conjuntura, que também usa o tempo como um poderoso aliado. Continua firme em sua obra de civilizar um reino bárbaro. Este rei-maquinista sabe que “... *as negociações, os interesses, dos príncipes, suas ligas, suas amizades, suas desconfianças, suas inimizades, experimentam vicissitudes quase todos os anos e que, freqüentemente, não permanece nenhum traço de tantos esforços da política*” dessas águias acostumadas a se entre-estraqalharem. Desse modo, para o czar, “*Uma única manufatura, bem estabelecida, faz algumas vezes mais bem a um Estado que vinte tratados*”. (HR 1957: 539). Então, retirar um reino

---

lado, venceu em pessoa o mais bravo homem da terra. Aprecio um covarde que ganha batalhas”. (VOLTAIRE em POMEAU 1994b: 101).

das trevas de longos séculos de superstição e ignorância é alterar o curso da história. Pedro realizou essa façanha civilizadora, pela administração ordenada e pelo trabalho produtivo. É digno de memória e a posteridade deve conhecer este rei, porque ele tornou a Rússia uma nação da Europa. O rei-maquinista, o soberano moderno, o monarca administrador do progresso de seu reino é o modelo que faz a felicidade dos povos. É a este príncipe que Voltaire prefere se dirigir, é este o rei que “les yeux philosophiques aiment à considérer”. (HR 1957: 563). Para ele, nem pensar num dos antigos argumentos da realeza hereditária e cristocêntrica de Bossuet, para quem a capacidade de um rei para governar era dom de uma força transcendente. De fato, Bossuet dá a entender, em várias passagens da *Politique*, “que o direito de reger não significa reger direito” (FIGGIS), numa clara referência a que um rei *faible* e um mau governo podem ser punições divinas a um povo refratário à boa fé e à justiça.

Concluindo, na análise dessas “vidas paralelas”, notamos o que Voltaire aprecia e aquilo que renega nesses dois soberanos espetaculares. Em Pedro - este beberrão epilético e de rosto desfigurado pelas convulsões, que prefere esgotar um tonel a apreciar os vinhos delicados - reprova-lhe o calculismo frio, a intemperança desbragada, a violência que se confunde com a crueldade: “Afirma-se que os legisladores e os reis não devem nunca serem tomados pela cólera; mas, não houve nunca ninguém mais dominado por ela que Pedro o Grande, nem mais impiedoso”. (“Anecdotes sur ...” 1957: 324-25). Em Carlos, aprova-lhe a altivez, a liberalidade, a coragem e a continência. É o método voltairiano de pesar celebridades: eleva bem alto quem ele tenciona fazer despencar. Na verdade, Carlos é muito inferior a Pedro. Salvaguardados todos os seus vícios, o imperador foi um obreiro incansável, que não poupou nenhum recurso para erguer um país que a natureza parecia não ter destinado à morada de homens. (Cf. HC VOLTAIRE 1957: 125). E, no final de sua *História da Rússia*, ele concluirá: “Ele forçou a natureza em tudo, em seus súditos, nele mesmo, e sobre a terra, e sobre as águas; mas ele a forçou para a embelezar”. (HR 1957: 597). Aí está o diferencial entre o príncipe que cria e o que destrói, entre o grande homem e o conquistador.

Um espelho para os príncipes europeus de uma nova era certamente será a vida de Pedro o Grande, mas sem os seus vícios, bem entendido. É em seu exemplo que os monarcas da Europa tinham de se mirar, para fazer de seus reinos nações modernas, capazes de seguir, sem esforço, a corrente do progresso, tornando seus povos melhores e mais felizes. Pedro será, em sua concepção, o príncipe-arquiteto que reforma um reino, sem se importar muito com o fato de não ter conseguido reformar-se a si próprio; ele será o mestre de obras que ergue com talento, a partir dos materiais que encontra pela frente: “É um arquiteto que construiu com barro e que, em outra parte, construiria com mármore”. (“Anecdotes sur ...” VOLTAIRE 1957: 335). Aí reside a diferença entre Pedro I e Luís XIV. Voltaire reconhece que o assassinato de um filho foi um dos mais brutais exemplos de severidade que se deu do alto de um trono, e que esta falta será digna de reprovação até a mais recuada posteridade. Contudo, é preciso pesar as virtudes de um monarca cujo resto de vida “... *foi a seqüência de seus grandes desígnios, de seus trabalhos e de seus feitos, que parecem apagar os excessos de sua severidade, talvez desnecessária*”. (“Anecdotes sur ...” 1957: 334).

## FONTES

AMYOT, J. S./d. “Epístola ao muito poderoso e cristianíssimo rei de França Henrique II”. In: PLUTARCO. *As vidas dos homens ilustres*. São Paulo, Editora das Américas.

VOLTAIRE. 1957. “Histoire de Charles XII roi de Suède”. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard. (Collection Bibliothèque de La Pléiade, texte établi, annoté et présenté par René Pomeau).

VOLTAIRE. 1957. “Textes relatifs à l’Histoire de Charles XII”. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard. (Collection Bibliothèque de La Pléiade, texte établi, annoté et présenté par René Pomeau).

- VOLTAIRE. 1957. “Anecdotes sur le Czar Pierre le Grand”. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard. (Collection Bibliothèque de La Pléiade, texte établi, annoté et présenté par René Pomeau).
- VOLTAIRE. 1957. “Histoire sur l’Émpire de Russie sous Pierre le Grand”. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard. (Collection Bibliothèque de La Pléiade, texte établi, annoté et présenté par René Pomeau).
- VOLTAIRE. 1957. “Le siècle de Louis XIV”. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard. (Collection Bibliothèque de La Pléiade, texte établi, annoté et présenté par René Pomeau).
- VOLTAIRE. 1978. “Dicionário Filosófico”. In: *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural.
- VOLTAIRE. 1994. *Dictionnaire philosophique*. Paris, Gallimard. (Préface d’Alain Pons).
- VOLTAIRE. 1994. “Préface pour l’Anti-Machiavel”. In: Pomeau, R. *Politique de Voltaire*. Paris, Armand Colin.
- VOLTAIRE. 1994. “Lettre à Frédéric, prince royal de Prusse”. In: Pomeau, R. *Politique de Voltaire*. Paris, Armand Colin.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIGGIS, J. N. 1942. *El derecho divino de los reyes*. México, F.C.E.
- FLACELIÈRE, R. 1957. “Introduction”. In: PLUTARQUE. *Vies*. Paris, Les Belles Lettres.
- FUETER, E. D. 1953. “Historiografía de la Ilustración”. In: ---. *Historia de la historiografía moderna*. Buenos Aires, Editorial Nova. Vol. 02.

- GAY, P. 1968. *The Enlightenment, an Interpretation. The Rise of Modern Paganism*. New York, Vintage Books
- GAY, P. 1977. *The Enlightenment, an Interpretation. The Science of Freedom*. New York, W. Norton.
- KOSELLECK, R. 1979. *Le règne de la critique*. Paris, Les Editions de Minuit.
- KOSELLECK, R. 1990. *Le futur passé. Contrution à la sémantique des temps historiques*. Paris, EHESS.
- LA ROCHEFOUCAULD. S./d. *Reflexões e máximas morais*. São Paulo, Ediouro.
- MAQUIAVEL. 1982. *A arte da guerra e outros ensaios*. Brasília, E.U.B.
- POMEAU, R. 1957. “Préface”. In: VOLTAIRE. *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard.
- POMEAU, R. 1960. “Appendice”. In: LANSON, G. *Voltaire*. Paris, Hachette.
- POMEAU, R. 1988. *La Europa de las Luces. Cosmopolitismo y unidad europea en el siglo XVIII*. México, F.C.E.
- POMEAU, R. 1994. “Présentation”. In: *Politique de Voltaire*. Paris, Armand Colin.
- ROBERT, P. 1997. “Voltaire”. In: *Le petit Robert des noms propres*. Dictionnaire Illustré. Paris, Dictionnaires Le Robert.
- SEHELLART, M. 1995. *Les arts de gouverner*. Paris, Éditions de Seuil.
- SKINNER, Q. 1988. *Maquiavel*. São Paulo, Brasiliense.

- SKINNER, Q. 1996. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo. Companhia das Letras.
- WALTER, G. 1951. "Intoduction". In: PLUTARQUE. *Les vies des hommes illustres*. Paris, Gallimard.
- WOLIN, S. 1960. *Politics and vision*. Boston, Litle, Brown and Company.